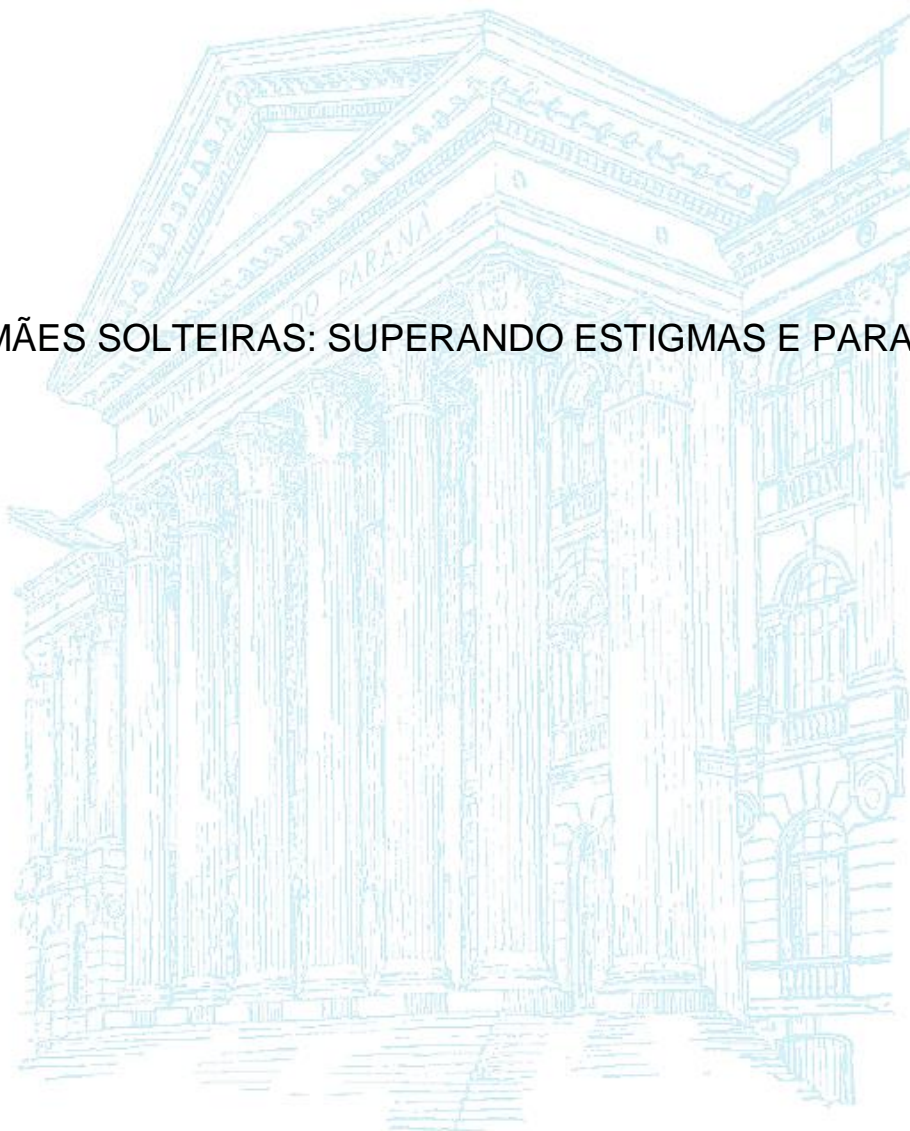


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JANE MARIA SARRAGIOTTO

MÃES SOLTEIRAS: SUPERANDO ESTIGMAS E PARADIGMAS



ITAMBÉ
2016

JANE MARIA SARRAGIOTTO

MÃES SOLTEIRAS: SUPERANDO ESTIGMAS E PARADIGMAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientadora: Prof^a Mestre Ana Christina Duarte Pires

ITAMBÉ
2016

MÃES SOLTEIRAS: SUPERANDO ESTIGMAS E PARADIGMAS

Jane Maria Sarragiotto¹; Ana Christina Duarte Pires²

¹Psicóloga Clínica na Secretaria de Saude da Prefeitura do Município de Maringá e docente na Área de Educação Especial pela Secretaria de Educação do Estado do Paraná, E-mail:

jane_sarragiotto@hotmail.com

²Docente da Universidade Federal do Paraná, E-mail: anachrisdp@gmail.com

Resumo: O tema enfocado por esse artigo é a questão das mães solteiras denominadas de famílias uniparentais ou monoparentais que, mesmo nos dias atuais, se apresentam como diferente e difícil numa sociedade preconceituosa e despreparada para lidar com o outro. Observamos as formas de concepção relacionadas às mães solteiras: por opção, por gravidez não planejada e/ou indesejada. Realizamos estudo de caso com oito mulheres “mães solteiras”, através de três encontros individuais e três em grupo, onde percebemos que, geralmente, a concepção não foi planejada e, na maioria dos casos, os genitores paternos eximiram-se da responsabilidade ou assumiram-na por meio judicial, dificultando e comprometendo financeiramente, socialmente e emocionalmente a mulher “mãe solteira” e seu filho. Quando essas mães são acompanhadas, cuidadas e aceitas pela família ou pelo genitor de seu filho, ampliam-se suas probabilidades de sucesso, que pode ser percebido nos relatos de suas conquistas profissionais, emocionais e sociais.

Palavras-chave: estigmas; mães solteiras; paradigmas; sociedade; superação

Abstract: The topic focused by this article is the issue of single mothers and single-parent families or a single parent that even nowadays, present themselves as different and difficult in a company Bigot and unprepared to deal with the other. We observe the forms of design related to single mothers: by choice, for unplanned pregnancy and/or junk mail. We conducted case study with eight women "single mothers", through three individual and three encounters in group, where we realize that, generally, the design was not planned and, in most cases, the paternal genitors leave liability or assumed-in through judicial, hindering and undermining financially, socially and emotionally the woman "single mother" and her son. When these mothers are accompanied, cared for and accepted by family or by the parent of your child, increase their chances of success, which can be noticed in the accounts of his professional achievements, emotional and social.

Key words: stigma; single mothers; paradigms; society; overcoming

1. INTRODUÇÃO

A partir de estudos sobre diferentes concepções familiares e de nossa própria vivência, entendemos a mesma como um sistema inserido numa diversidade de contextos, constituída por pessoas que compartilham sentimentos e valores formando laços de interesse, solidariedade e reciprocidade, com especificidades e funcionamento próprio. Tendo em vista as mudanças que vêm ocorrendo na configuração familiar, um novo universo de figuras maternas se organiza em torno do filho – a mãe homossexual, a madrasta, a mãe provedora, a irmã mãe, a avó mãe, a mãe madura, a mãe adolescente, a mãe adotiva, a mãe da reprodução assistida, a mãe solteira, a mãe abandonada, a mãe-mulher de sucesso profissional, entre outras – e cada qual traz questões singulares e polêmicas diante de um mundo sem padrão e em transformação vertiginosa.

Estudiosos apontam que, principalmente nas sociedades ocidentais desenvolvidas, a importância da figura paterna na vida da criança é semelhante à da mãe. Para Parke (1996), a função paterna está tomando outro foco, não sendo mais somente aquele estereótipo provedor material, mas sim, também das funções domésticas como: educar, cuidar, relacionar através de sentimento. Segundo este autor, as mães que são acompanhadas por seus companheiros tendem a ter um contato melhor com seus filhos onde se percebe um aumento e constância no sorrir e falar destas para com seus bebês, porque acompanhadas as mães sentem-se cuidadas, têm sua autoestima elevada e transmitem esse bem estar ao filho. Porém, apesar da importância inegável da figura paterna, muitas mães e filhos tornam-se órfãos paternos, que pode trazer consequências prejudiciais no aspecto emocional, social e econômico. A ausência paterna pode ser percebida de diversas formas: por abandono, separação, divórcio ou morte. Essa mudança pode deixar a família a cargo de um só progenitor.

No decorrer da formação realizada na Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, tivemos a oportunidade de entrar em contato com estudos sobre preconceitos que tolhem, machucam e obscurecem o caminhar daqueles cujo crime é ser diferente e/ou não seguir as normas e regras produzidas e padronizadas pela sociedade.

Em experiência no campo da educação, atendemos situações de mães e alunos, que foram rotulados e negados a atenção devida, porque alguns

profissionais tinham a ideia que o aluno não era capaz de aprender, compreender, ter um bom convívio social, por faltar à presença paterna. Na área da Saúde, atuando como psicóloga, realizamos atendimentos individuais e em grupos com a participação de mães solteiras, divorciadas, casadas...

Em minha experiência pessoal, sendo mãe com estado civil solteira, percebo as lutas, dificuldades e facilidades encontradas e superadas, juntamente, com minha família e o meio social em meu entorno, que tantos significados trouxeram para minha existência.

Durante a ideação de realizar o artigo versando sobre esse assunto, buscamos pesquisar bibliografia adequada ao tema/assunto. Porém, houve muita dificuldade, devido a escassez de material específico sobre mães solteiras. Assim, recorreremos aos escritos envolvendo famílias nucleares, que trazem um comparativo de mães casadas/nucleares e mães solteiras, bem como daquelas que trazem conteúdos sobre as lutas das mulheres contra o jugo machista que, no decorrer da história, impediu a ampla inserção da mulher na sociedade como parte integrante e livre, para realizar suas próprias escolhas tendo seus direitos reconhecidos e respeitados.

Por acreditar que as experiências socializadas, tornam-se instrumentos que poderão ser úteis em algum momento de nossa vida e na de outrem; para desmistificar e derrubar preconceitos socialmente construídos; pelas dificuldades bibliográficas que encontramos, percebemos quão valioso seria tecer estudo sobre esse assunto tão permeado por mitos e preconceitos, que necessitam ser desvelados, para do bem estar das mulheres mães solteiras e seus filhos, bem como de toda sociedade, que clama por mudanças no pensar e agir na busca do desenvolvimento e aprimoramento do respeito às diferenças humanas.

2. OBJETIVOS

2.1. Objetivo Geral

Descrever e analisar histórias reais de mães solteiras, visando apresentar as características individuais adaptativas ao processo da maternidade, considerando os pontos que colaboraram facilitando ou dificultando o alcance de sua identidade como mãe/mulher.

2.2. Objetivos Específicos

- ▶ Descrever e analisar histórias reais da vida de mães solteiras, as opções e/ou imposições apresentadas no decorrer do processo da maternidade;
- ▶ Estabelecer os fatores sociais/emocionais/físicos positivos e negativos no decorrer do período da concepção ao pós-parto;
- ▶ Destacar a situação/posição atual da mãe/mulher no meio social.

3. METODOLOGIA

A metodologia escolhida para se proceder ao trabalho em questão foi o estudo de caso. A população foi constituída por mães solteiras em diferente faixa etária, profissão e com número diversificado de membros pertencentes ao grupo familiar.

O estudo foi realizado através de casos verídicos ocorridos e observados em nosso cotidiano profissional. Nosso principal instrumento foi a entrevista, onde coletamos o histórico de vida da mãe, buscando conhecê-la em sua totalidade, para que pudéssemos relacionar os eventos vivenciados, bem como as formas de agir e reagir das mesmas, diante das situações previstas e imprevistas em suas vidas diante dos estímulos do meio social em que vivem.

Durante o atendimento, realizamos intervenções pertinentes a cada caso. A identidade das participantes foi mantida em sigilo, conforme o Protocolo de Ética da Psicologia. O estudo, discussão e conclusão foram embasados no método qualitativo, tendo em vista que o tema em nos permitiu abstrair, relacionar e ampliar as questões observáveis no decorrer da elaboração do trabalho.

Realizamos seis encontros com as mães, sendo três individuais e três em grupo. Porém, conforme necessidade, principalmente emocional, estendemos o atendimento psicológico, mesmo após o encerramento deste trabalho. Trabalhamos com uma população de oito mães solteiras, que apresentam motivos diferentes sobre a concepção e conseqüente maternidade em estado civil solteira, sendo popularmente denominadas de “mães solteiras”. Atendemos as mães no Serviço Público de Psicologia Clínica na Área da Saude. Salientamos que esta demanda faz parte da realidade do ambiente de trabalho. Fizemos as adaptações necessárias ao

nosso estudo, sem com isso interferir nos procedimentos rotineiros do estabelecimento de atuação.

3.1 CRONOGRAMA

ATIVIDADES	PERÍODO						
	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV
Redação parcial do artigo contemplando introdução, objetivos e metodologia							
Redação parcial do artigo com resultados e discussão							
Redação do artigo com considerações finais e referências bibliográficas							
Postagem do artigo na versão completa							
Postagem do artigo na versão final para a banca							

3.2 RELATOS DOS CASOS

3.2.1 Síntese dos atendimentos individuais

3.2.1.1 Caso A: **A**, buscou atendimento psicológico para sua filha, atualmente com cinco anos, com a queixa: “não consigo lidar com minha filha, ela me afronta e acabo batendo nela”. **A**, relatou que sua mãe e irmãos foram abandonados por seu pai, quando ela tinha dois anos. Após cinco anos, sua mãe passou a conviver com outro homem. O padrasto tentou abusar de **A** (observando quando ela tomava banho, tocando em suas partes íntimas). **A**, com receio, foi morar com a irmã em outro Estado. Sua mãe, mesmo tendo conhecimento do ocorrido, continuou morando com o companheiro, porque dependia financeiramente do mesmo. Concluiu o Ensino Médio. Aos 22 anos iniciou um namoro. Com esta idade ela engravidou e foi morar com o pai de sua filha, separando-se do mesmo antes do parto, devido a constantes e extremas crises de ciúmes do companheiro, voltando para a casa de sua mãe. Alguns meses depois o padrasto faleceu. **A** e sua mãe vieram para

Maringá. No início foi muito difícil, principalmente financeiramente. Quando sua filha estava com um mês, conseguiu emprego com registro em Carteira, que amenizou a situação familiar. **A**, conheceu seu esposo atual, quando sua filha estava com dois anos e nessa época iniciou tratamento psiquiátrico. **A**, informa que há algum tempo não está tomando os medicamentos, sente muita vontade de chorar e não consegue se controlar diante do choro e/ou “manha” de sua filha, também não está empregada. **A**, foi orientada a retomar o acompanhamento psiquiátrico, dermatológico, devido à queda intensa de cabelo, realizar exames de rotina e também retomar sua vida profissional. **A**, relata sobre sua relação conjugal atual, percebemos que esta se encontra preservada. O esposo é participativo e cuida bem da filha de **A**, a criança o considera como pai. No decorrer do atendimento psicológico ela enfatiza seu sentimento de rancor e tristeza, pelo abuso sofrido por parte do padrasto, ao mesmo tempo em que diz compreender o fato de sua mãe ter permanecido com ele por necessidade financeira, mostra-se carente e ansiosa, refletindo esse estado no tratamento para com a filha. Ao relatar suas idas e vindas, desde a saída da casa de sua mãe até a volta para o mesmo ambiente, **A** percebe-se fugitiva de si mesma, buscando apoio a principio da irmã, em seguida de um companheiro, pai de sua filha, que não correspondeu à sua expectativa e, finalmente, ao convívio com a mãe, onde mesmo junto ao padrasto. Amenizou parte do sofrimento emocional, porém somatizou-o adoecendo partes de seu corpo. Segundo a mesma, o auxílio de sua mãe no momento de dificuldade, colaborou para despertar-lhe o sentimento materno e de esposa/mulher junto ao seu marido. Atualmente, está empregada, deu continuidade ao tratamento psiquiátrico, gástrico, dermatológico (cabelo) e psicológico.

3.2.1.2 Caso B: **B** morava com o pai de seu filho quando engravidou. Aos dois meses o bebê foi diagnosticado com diabete. O pai rejeitou **B** e seu filho, ocorrendo à separação. **B** foi morar em outro Estado com seus pais, tendo que lutar judicialmente, pela pensão de seu filho. **B**, não pode continuar exercendo sua profissão de pedagoga/professora, porque seu filho necessitava de cuidados constantes. **B** procurou o serviço de Saude Pública, onde conseguiu a maior parte dos medicamentos utilizados pelo filho. Quando a criança iniciou o Ensino Fundamental, houve, por parte da escola, alguns conflitos com relação ao entendimento das questões de sua saúde, que refletiam em seu comportamento

como: hiperatividade, recusa em escrever, isolamento e outros, próprios do quadro clínico, variando este, de acordo com o nível glicêmico que era medido pelo menos duas vezes num período de quatro horas. Assim sendo, **B** comparecia constantemente na escola. As atitudes da criança, dependendo da alta ou baixa da glicemia, era tida pela professora e alguns membros da escola como manha e imaturidade e **B** taxada como uma mãe superprotetora, que não ajudava seu filho a crescer. **B** concluiu o curso de Pedagogia, porém não atuou, devido à necessidade de atender ao filho. Fez cursos de cabeleireira, incentivada pela família e amigos e iniciou nesse ramo, conseguindo assim conciliar seu trabalho com os cuidados ao filho. **B** fez cursos de manequim fotográfica e de roupas. Assim sendo, mesmo tendo conquistado seu espaço, **B** e seu filho continuam recebendo o amparo dos familiares, pais/avós. Foi estabelecido judicialmente o pagamento de pensão, considerando os gastos com médico e medicamentos, devido à diabetes que continua alterando rotineiramente e, segundo os médicos, irá perdurar por toda sua vida, sendo percebido que quanto melhor o seu estado emocional, mais tempo seu nível glicêmico permanece estabilizado. Durante o relato de vida, **B** demonstrou sentir por parte dos pais uma cobrança exacerbada nos cuidados com os afazeres domésticos e impedimento dos momentos de lazer. Faz comparações sobre a ajuda de seus pais para com seus irmãos, relaciona a atitude dos pais ao “fracasso” de seu casamento, onde lhe cobram que seu ex-marido não era da mesma religião de sua família. **B** tem um sobrinho homossexual, que também morava junto aos avós, pais de **B**. Quando **B** decidiu morar em outra casa, o sobrinho acompanhou a mesma. Durante o atendimento, **B** revela sentir culpa por não ter seguido a doutrina religiosa dos pais. Assim, nega o preconceito religioso e de gênero familiar. Os pais por vez enfatizam os preceitos e caminhos que a mesma deve seguir, camuflando com “cuidados” os verdadeiros sentimentos. Atualmente, **B** segue carreira de modelo fotográfico e cabeleireira. Seu filho continua fazendo o tratamento medicamentoso e psicológico. O sobrinho de **B** assumiu sua homossexualidade e mora com um companheiro.

3.2.1.3 Caso C: **C** engravidou aos 12 anos de idade. Tinha várias ocorrências no Conselho Tutelar e Promotoria por negligência familiar. Sua mãe, usuária de drogas ilícitas, conduzia **C** e irmãos em locais de compra e venda das drogas. **C** envolveu-se precocemente em relações sexuais, inclusive com um primo menor de idade.

Quando engravidou não tinha certeza de quem seria o responsável pela paternidade. **C** morava com o padrasto e a mãe deste. Eles sempre se preocuparam com o bem estar de **C** seus irmãos. **C** teve sérias complicações renais na primeira infância, ficando internada por longo tempo para realizar tratamento. Nesse período o padrasto, avó e mesmo a mãe foram presentes, cuidando eficazmente de **C**. A escola teve papel relevante, onde a comunicação entre **C** e seus colegas, professora e equipe diretivo/pedagógica, através de cartas, bilhetes e visitas, dando-lhe ânimo e solidariedade. A mãe de **C**, constantemente, retirava a mesma do convívio do padrasto, avó e os outros irmãos (filho de sua mãe com o padrasto). Nesses momentos, eram acionados os mecanismos legais para busca e apreensão da menor do convívio da mãe, porém, nunca foi tomada alguma medida legal para afastar **C** de sua mãe, visto que essa relação era, visivelmente, prejudicial a **C**. Até o presente momento não foi constatado o responsável pela paternidade. **C**, atualmente, está com 14 anos, abandonou a escola, tendo cursado até o 6º ano do Ensino Fundamental. **C** realizou somente o primeiro encontro. Não conseguimos localizá-la, para darmos continuidade ao atendimento.

3.2.1.4 Caso D: **D** tinha 17 anos quando engravidou. A mesma havia iniciado o curso de Direito, pela Universidade Federal do Paraná, numa cidade perto da residência de sua família. Para facilitar, **D** foi morar num pensionato, na cidade em que estudava. Iniciou um namoro e, cinco meses depois, engravidou. O pai de sua filha não reconheceu a paternidade. A família procurou suprir as necessidades de **D** e sua filha. **D** processou judicialmente o pai de sua filha, sem resultado até o presente momento. Aos vinte anos, retornou ao Ensino Superior. Atualmente **D** está casada e exercendo sua profissão. Durante os encontros, **D** relatou que sua maior decepção não foi o fato do pai de sua filha não ter assumido e/ou se casado com ela, mas sim, nas questões relacionadas à própria filha, onde o mesmo foi omissos as suas responsabilidades. Também mencionou a morosidade da ação judicial no processo de reconhecimento da paternidade.

3.2.1.5 Caso E: **E**, era estudante de Administração de Empresas e aos 21 anos engravidou, após um namoro de dois anos. O pai da filha de **E** não reconheceu a paternidade. **E**, teve o apoio, ajuda e orientação da família. **E** relata que na época algumas pessoas indagaram seus pais sobre o fato deles não a terem expulsado de casa. Diz admirar os pais e irmãos pela postura firme que tiveram diante de algumas

opiniões da sociedade a que pertencia. **E** não recorreu judicialmente para o reconhecimento da paternidade, por opção da família e sua. Quando sua filha estava com três anos, **E** retornou aos estudos e trabalho. Concluiu duas graduações e três especializações. Sua filha concluiu graduação e mestrado, casou-se, trabalha e já tem filhos. **E** casou-se, trabalha e continua estudando. Também com relação ao fato do pai de sua filha ter sido omissos em suas responsabilidades, ela diz que procurou manter-se ao lado das pessoas que demonstraram apoio verdadeiro. **E** diz ainda que tentou poupar sua filha de manter com o “pai” um relacionamento cujo amor inexistia.

3.2.1.6 Caso F: **F** concluiu o Ensino Fundamental. Com relação à concepção, ela relatou que havia ido a uma festa e ao retornar para sua casa, aceitou carona de um rapaz. No caminho o mesmo ofereceu-lhe uma bebida que, segundo **F**, devia ter alguma substância que lhe fez adormecer. **F** acordou na casa do mesmo e percebeu que ele havia “estuprado”, quando ela estava desacordada. Segundo **F**, alguns dias depois do fato ocorrido, percebeu que estava grávida. O pai biológico reconheceu legalmente a paternidade. **F** demonstra muita ansiedade, inclusive já fez tratamento psiquiátrico medicamentoso. Seu filho apresenta quadro emocional semelhante. De acordo com o relatório enviado pela escola a criança fez uso de quatro tipos de medicamentos, que, segundo **F**, o deixava apático e “bobo”. **F** deixou o tratamento, assim como retirou os medicamentos de seu filho. Na escola, a criança sempre apresentou muita agitação sendo diagnosticado como TDAH. Consta também no relatório dificuldades cognitivas e de socialização. Atualmente o filho de **F** está com doze anos. Através do trabalho conjunto professora, mãe, psicóloga e outros profissionais a criança tem atingido níveis satisfatório de aprendizagem que reflete num bem estar na relação mãe/filho. Segundo a mãe, sempre foram relatadas ações negativas do filho, o que lhe causava grande tristeza e revolta. Ela agredia fisicamente e verbalmente seu filho. **F** e seu filho retornaram para o atendimento psiquiátrico, estão fazendo uso de ansiolítico, realizam atendimento psicológico. Atualmente **F** casou-se e teve outra filha, mantendo relação familiar estável.

3.2.1.7 Caso G: **G** concluiu o Ensino Médio. Aos dezesseis anos manteve relações com o pai de sua filha, porém eles não namoravam. Quando percebeu que estava grávida, **G** procurou o mesmo, que se recusou a assumir a paternidade. A família de

G, apoiou, auxiliou e orientou num processo judicial para reconhecimento de paternidade. Durante o processo, o pai da filha de **G**, constitui provas inverídicas onde acusou a mesma de ter mantido relações sexuais com vários homens, inclusive seus amigos, que orientados por ele, testemunharam falsamente no processo. Porém, a verdade veio à tona, através de exame de DNA, sendo sua filha reconhecida, registrada e, posteriormente, convívio também com a família paterna. Atualmente **G** trabalha, sendo a mesma proprietária de uma empresa de venda de cosméticos. Sua filha é graduada no Ensino Superior, casou-se e teve filhos. Continua tendo um bom convívio com a família paterna.

3.2.1.8 Caso H: **H** concluiu o Ensino Superior. Aos dezoito anos ela namorou um rapaz, porém não tinha conhecimento de que ele era casado e morava com a esposa e filhos. Após um acidente, onde **H** foi hospitalizada, a família tomou conhecimento da gravidez, através de exames. O fato foi decepcionante para seus pais, visto que os mesmos eram muito religiosos e rígidos. A mãe de **H** expulsou-a de sua casa, por sentir-se traída na educação que dera a filha e, principalmente, pela visão que a sociedade teria dos mesmos, caso a filha permanecesse em sua companhia. O tio de **H** a acolheu em sua residência. Após o nascimento da criança, os pais de **H** pediram para que a mesma retornasse para casa. Atualmente **H** está terminando o Curso Superior e trabalhando. Sua filha não teve a paternidade reconhecida. **H** descobriu que o pai de sua filha já tinha outros filhos com várias mulheres.

3.3 Síntese dos atendimentos em grupo

Compareceram aos encontros: **A, B, D, E, F, G, H**. Iniciamos com as apresentações e breve relato da vida de cada membro do grupo. Em seguida realizamos uma dinâmica sob o título: A história de Marlene, objetivando desenvolver a capacidade de participação, discussão, observação e tomada de decisões individuais e coletivas, bem como a compreensão de que um determinado fato pode ter diferentes interpretações. Logo após, iniciamos o relato das impressões referente à atividade desenvolvida. Percebemos durante o desenvolvimento da dinâmica e, através dos relatos que todas consideraram a primeira etapa mais fácil, onde puderam, individualmente, expressar sua opinião. Na segunda etapa, em trio, houve mais dificuldade, porque tiveram que discutir justificar, refletir e defender suas

opiniões para que houvesse uma única resposta. A terceira etapa, no grande grupo, segundo as mesmas, foi a que apresentou maior dificuldade, porque novamente tiveram que justificar e defender suas opiniões para chegar a um consenso. Em seguida, cada membro relatou suas facilidades e dificuldades, bem como a utilização daquele exercício na rotina do convívio social. Concluíram que: cada pessoa tem opiniões diferentes; estas são decorrentes das experiências vivenciadas; que as experiências proporcionam a internalização de conceitos pelos quais dimensionamos os fatos do nosso cotidiano, bem como serve de parâmetro para avaliar o que julgamos correto e/ou errado. No decorrer dos encontros em grupo, houve troca de experiências, nas quais as semelhanças e diferenças nos caminhos trilhados serviram para esclarecer e abrir novas possibilidades. Houve grande interação onde foram expostas as histórias individuais, com suas conquistas, derrotas, ansiedades, medos, expectativas.

4. CONCLUSÃO

5.

O trabalho elaborado, através de teorias e estudo de casos, nos trouxe a constatação de que a família se constitui num dos fatores mais importantes para o desenvolvimento do indivíduo. No caso em questão, pudemos compreender que a maternidade significa uma mudança de papel tanto para mães solteiras, quanto casadas. Porém, com relação às solteiras, essas mudanças são carregadas de significados, sendo que estes podem ser positivos ou negativos de acordo com o acolhimento, aceitação e cuidado que elas recebem do meio familiar e social, sendo estes primordiais e facilitadores do desejo e motivação, para que a mãe/mulher amplie seus conhecimentos, através dos estudos, facilitando sua inserção no campo profissional e, conseqüentemente, ampliando suas relações sociais.

Na maioria dos casos estudados foi freqüente a omissão paterna, onde somente através de processo judicial mães e filhos obtiveram o que lhes é legalmente de direito. Constatamos também que as leis de proteção às mães e filhos, ainda são morosas na conclusão e execução, por parte das autoridades.

Analisando os resultados, percebemos que quando amparadas, as mulheres “mães solteiras”, bem como seus filhos, conseguem superar dificuldades e obter

sucesso profissional, social e emocional, tornando-se integrante participativa na sociedade.

6. AGRADECIMENTO

Agradeço a Deus pela permissão concedida de estar neste plano. Aos meus pais e irmãos, cujo amor e sabedoria me impulsionaram, para que eu pudesse dar continuidade ao meu projeto de vida. Mariana, minha filha, que deu o toque primordial, para o alcance de minhas conquistas e sucesso, sendo luz de infinito e eterno brilho em meu viver. Meu esposo, pelo carinho e incentivo. Lucília, pela amizade e incentivo.

Aos professores e tutores deste curso, especialmente: Elaine, Liliam Maria e Ana Christina, meu respeito e admiração, pelo conhecimento e compreensão disponibilizados, que possibilitaram minha participação e concretização neste trabalho.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008.

GARCIA, Telma Ribeiro. **Gravidez pré-conjugal em mulheres adolescentes**. João Pessoa: Idéia, 2000.

GARCIA, Telma Ribeiro. Representações de gestantes adolescentes solteiras sobre aspectos de sua problemática psicossocial. **Rev. Enf.**, Brasília, 38 (3/4): 281 – 288, jul./dez. 1985. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v38n3-4/v38n3-4a09.pdf>.> Acessado em: 15/09/2015.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Educ. Soc. Volume 23, número 79. Campinas. 2002.

GOMIDES, José Eduardo. A definição do problema de pesquisa: a chave para o sucesso do projeto de pesquisa. **Revista do Centro de Ensino Superior de Catalão - CESUC - Ano IV - nº 06 - 1º Semestre – 2002.**

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa:** esta é a questão? Psicologia: Teoria e pesquisa. Volume 22, numero 2. 2006.

LEITE, Eduardo de Oliveira. **Famílias monoparentais: a situação jurídica de pais e mães solteiros, de pais e mães separados e dos filhos na ruptura da vida conjugal.** São Paulo: 2.ed.R.dos Tribunais, 180,3,46. 2003.

LUNA, Sergio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa:** uma introdução. São Paulo: Educ. 1997.

MARIN, Angela Helena; DONELLI, Tagma Marina Scheneider; LOPES, Rita de Cássia Sobreira; PICCININI, César Augusto. **Expectativas e sentimentos de mães solteiras sobre a experiência do parto.** Aletheia, Canoas, p.57-72, jan./jun.,2009. Disponível: <http://www.pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n29/n29a06.pdf> Acessado em 15/09/2015.

MARIN, Angela; PICCININI, Cesar Augusto. Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. **Psico.** Porto Alegre, PUCRS, v.40, n.4, PP.422-429, out/dez., 2009. Disponível:<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/download/2683/4927>> Acessado em: 15/09/2015.

OHIRA, M. L. B.; DAVOK, D. F. **Caminhos do TCC...** Roteiro para elaboração de projeto de pesquisa. Universidade do Estado de Santa Catarina.

THURLER, Ana Liési. **Em nome da mãe:** o não reconhecimento paterno no Brasil. Florianópolis. 2009.